

# Oswald de Andrade

## **escapulário**

No Pão de Açúcar  
De Cada Dia  
Dai-nos Senhor  
A Poesia  
De Cada Dia

## **3 de maio**

Aprendi com meu filho de dez anos  
Que a poesia é a descoberta  
das coisas que eu nunca vi.

## **ditirambo**

Meu amor me ensinou a ser simples  
Como um largo de igreja  
Onde não há nem um sino  
Nem um lápis  
Nem uma sensualidade

---

*Pau-Brasil (1925)*

amor:  
humor

---

*Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (1927)*

## **meus oito anos**

Oh que saudades que eu tenho  
Da aurora de minha vida  
Das horas  
De minha infância  
Que os anos não trazem mais  
Naquele quintal de terra  
Da Rua de Santo Antônio  
Debaixo da bananeira  
Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões  
Da cocaína da infância  
Nos banhos de astro-rei  
Do quintal de minha ânsia  
A cidade progredia  
Em roda de minha casa  
Que os anos não trazem mais

Debaixo da bananeira  
Sem nenhum laranjais.

---

***Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (1927)***

---

**canto do regresso à pátria**

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo

**aperitivo**

A felicidade anda a pé  
Na Praça Antônio Prado  
São 10 horas azuis  
O café vai alto como a manhã de arranha-céus

Cigarros Tietê  
Automóveis  
A cidade sem mitos

---

***Pau-Brasil (1925)***

---

## **pobre alimária**

O cavalo e a carroça  
Estavam atravancados no trilho  
E como o motorneiro se impacientasse  
Porque levava os advogados para os escritórios  
Desatravancaram o veículo  
E o animal disparou  
Mas o lesto carroceiro  
Trepou na boleia  
E castigou o fugitivo atrelado  
Com um grandioso chicote

## **transação**

O fazendeiro criara filhos  
Escravos escravas  
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas  
Mas um dia trocou  
O ouro da carne preta e musculosa  
As gabiobas e os coqueiros  
Os monjolos e os bois  
Por terras imaginárias  
Onde nasceria a lavoura verde do café

## **prosperidade**

O café é ouro silencioso  
De que a geada orvalhada  
Arma torrefações ao sol  
Passarinhos assoviam de calor  
Eis-nos chegados à grande terra  
Dos cruzados agrícolas  
Que no tempo de Fernão Dias  
E da escravidão  
Plantaram fazendas como sementes  
E fizeram filhos nas senhoras e nas escravas

## **paisagem**

O cafezal é um mar alinhavado  
Na aflição humorística dos passarinhos  
Nuvens constroem cidades nos horizontes dos carreadores  
E o fazendeiro olha os seus 800 000 pés coroados

### **fazenda antiga**

O Narciso marceneiro  
Que sabia fazer moinhos e mesas  
E mais o Casimiro da cozinha  
Que aprendera no Rio  
E oi Ambrósio que atacou Seu Juca de faca  
E suicidou-se  
As dezenove pretinhas grávidas

### **negro fugido**

O Jerônimo estava numa outra fazenda  
Socando pilão na cozinha  
Entraram  
Grudaram nele  
O pilão tombou  
Ele tropeçou  
E caiu  
Montaram nele

### **azorrague**

– Chega! Peredoa!  
Amarrados na escada  
A chibata preparava os cortes  
Para a salmoura

### **medo da senhora**

A escrava pegou a filhinha nascida  
Nas costas  
E se atirou no Paraíba  
Para que a criança não fosse judiada

### **caso**

A mulatinha morreu  
E apareceu  
Berrando no moinho  
Socando pilão

## **levante**

Contam que houve uma porção de enforcados  
E as caveiras espetadas nos postes  
Da fazenda desabitada  
Miavam de noite  
No vento do mato

## **o medroso**

A assombração apagou a candeia  
Depois no escuro veio com a mão  
Pertinho dele  
Ver se o coração ainda batia

## **a roça**

Os cem negros da fazenda  
comiam feijão e angu  
Abóbora chicória e cambuquira  
Pegavam uma roda de carro  
Nos braços

## **cena**

O canivete voou  
E o negro comprado na cadeia  
Estatelou de costas  
E bateu coa cabeça na pedra

## **o capoeira**

– Qué apanhá sordado?  
– O quê?  
– Qué apanhá?  
Pernas e cabeças na calçada

## **relicário**

No baile da Corte  
Foi o Conde d'Eu quem disse  
Pra Dona Benvinda  
Que farinha de Suruí  
Pinga de Parati  
Fumo de Baependi  
É comê bebê pitá e caí

### **senhor feudal**

Se Pedro Segundo  
Vier aqui  
Com história  
Eu boto ele na cadeia

***Pau-Brasil (1925)***

---

### **as meninas da gare**

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis  
Com cabelos mui pretos pelas espáduas  
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas  
Que de nós as muito bem olharmos  
Não tínhamos nenhuma vergonha

***Pau-Brasil (1925)***

---

### **erro de português**

Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português.

**(Poema de 1925, publicado em *Poesias reunidas*, 1945)**

---